

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
NAIRA ROBERTA MOREIRA

CULTURA POPULAR NAS PRÁTICAS DO ENSINO DE
HISTÓRIA (2005-2006)

UBERLÂNDIA
2007

NAIRA ROBERTA MOREIRA

CULTURA POPULAR NAS PRÁTICAS DO ENSINO DE
HISTÓRIA (2005-2006)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em História, sob a orientação da Prof^a.Ms. Jeanne Silva.

Uberlândia, março de 2007

Moreira, Naira Roberta

Cultura Popular nas Práticas do Ensino de História (2005-2006)

Naira Roberta Moreira – Uberlândia, 2007

70fl.

Orientadora: Profª Ms. Jeanne Silva

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Cultura Popular; Culinária; Tradição.

NAIRA ROBERTA MOREIRA

**CULTURA POPULAR NAS PRÁTICAS DO ENSINO DE
HISTÓRIA (2005-2006)**

**Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em História, do Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como
exigência parcial para obtenção do título de
bacharel em História, sob a orientação da Profª
Ms. Jeanne Silva.**

Banca Examinadora:

Uberlândia, março de 2006

Profª Ms. Jeanne Silva

Profª Ms. Kátia Eliane Barbosa – UFU

Prof. Ms. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

**A meus pais (Wagner e Nair), ao
meu marido (Gláucio) e à minha
irmã (Bruna), pela paciência,
dedicação e incentivo.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado forças para enfrentar todos os obstáculos encontrados neste caminho.

Aos meus pais que além de sofrerem com a distância respeitaram e sempre me apoiaram nas minhas decisões. À minha irmã Bruna que, muitas vezes, ficou chorando na rodoviária quando eu voltava para Uberlândia, mas sempre disse que seria bom para que eu pudesse ter um futuro melhor.

A todos os amigos da faculdade que, direta ou indiretamente, contribuíram para o amadurecimento desta pesquisa; em especial, Karol, já bem longe, morando na Bahia, Fernanda por emprestar a carterinha da biblioteca para que eu pudesse pegar mais livros para pesquisar, além dos banhos, almoços e uma cama para a gente dormir.

A professora Jeanne que, desde de quando este trabalho era um esboço para a matéria Prática de Ensino, esteve me apoiando e me incentivando em todos os momentos.

Ao meu marido Gláucio que apóia incondicionalmente a minha escolha pela docência.

Luiz e Tereza, meus avós paternos, que sempre tiveram muito orgulho de mim. E os maternos que hoje não se encontram mais presentes, mas da cadeia de trinta e dois netos fui a primeira a apresentar um diploma superior, e de uma universidade pública, muitas saudades.

Aos meus tios, Vitória e Luiz Henrique, e a prima e afilhada Carol, pela ajuda e incentivo pela docência.

E a todas as pessoas que se fizeram e fazem presentes em minha vida, o meu muito obrigado.

“É uma exigência de cultura a procura de tudo que contribua para enriquecer e multiplicar as vias de ligação da experiência humana expressa nas diversas civilizações ao espólio geral da humanidade. Está perfeitamente dentro da lógica da História, assim como do nosso tempo, tentar encontrar-se o modo como diversas comunidades se formaram e vão formando, ampliam e se aproveitam do patrimônio da humanidade, que lhes é anterior, a todos pertence e a todos cabe defender. A História é um meio indispensável, não para apontar a evolução ou o processo de realização do homem, mas para este se definir como ser essencial e permanentemente criador, na adaptação às mais diversas situações, sempre tirando delas novas formas para superiores manifestações da sua natureza. A função específica do historiador é encontrar os elos de ligação entre cada comunidade particular e a humanidade em geral”.

Jorge de Macedo

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é o de conceituar cultura popular diferenciando-a de folclore, identificando suas origens, de modo a tornar claro que a cultura é construída e enriquecida pelo cotidiano, portanto, objeto de transformação constante. O ensino de História torna-se bem mais agradável e motivador, quando se associa a teoria à prática, à vivência diária. Um dos elementos da cultura popular é a culinária, cujo sabor está arraigado de tradições, temperado com os “saberes” do povo. A experiência de participar de uma Feira Gastronômica também faz parte deste trabalho, no intuito de despertar a curiosidade para conhecer um pouco mais da história de cada povo, além de propiciar a possibilidade de construir a própria História.

Palavras-chave: Cultura Popular - Culinária - Tradição

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
 CAPÍTULO 1 – CULTURA POPULAR	
1.1. Discutindo as dificuldades da utilização dos conceitos	10
1.2. Patrimônio cultural	12
1.3. Cultura popular x folclore	13
1.4. O folclore.....	15
1.5. Cultura popular: um grande patrimônio	17
1.6. Cultura popular no Brasil	19
1.7. A identidade brasileira	21
 CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIAS DA CULTURA POPULAR NO ENSINO DE HISTÓRIA	
2.1. Festas e Costumes Populares	26
2.2. Costumes Populares no Brasil	27
2.3. A Cultura Popular como arquivo da tradição.....	29
2.4. A História se faz pela memória do povo	31
2.5. O ensino de História através do Contexto Popular	34
2.6. Gastronomia e cultura.....	35
2.7. Experiência na Feira Gastronômica – relato	37
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 47
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 49
 ANEXOS	 52

**“Cultura é o que fica depois de se
esquecer tudo o que foi aprendido”**

André Maurois

INTRODUÇÃO

A cultura pode ser vista como o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou em forma de idéias, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos, ou seja: um complexo total de conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Além desses hábitos e costumes que recebe de seu grupo, o homem vai ampliando seus horizontes, e passa a ter novos contatos. Tais costumes vão se incorporando à sociedade, e conseqüentemente, com o tempo, já se transmitem como herança do próprio grupo. Conforme explica a Enciclopédia Barsa (1981) é o processo da transculturação, isto é, a troca recíproca de valores culturais, pois em todo contato de cultura as sociedades em contato são ao mesmo tempo doadoras e receptoras, interculturando valores que se adaptam de umas às outras.

O que motivou essa pesquisa sobre Cultura Popular nas práticas do Ensino de História, foi exatamente esta mutabilidade cultural, essa transformação constante, colocando o homem no centro do universo, permitindo que altere os seus valores e faça de suas tradições elementos para construção de uma nova História.

O folclore, por sua vez, como elemento pertencente à cultura, não tem essa característica mutável. O folclore é a tradição que se transmite e que, embora secular, permanece o mesmo. A cantiga de roda cantada pelos avós é a mesma cantada pelos netos e continuará sendo a mesma para os netos de nossos netos. O artesanato fabricado pelos índios permanecerá inalterado, porque faz parte de uma tradição herdada através das gerações.

A cultura está de uma ou outra forma, mas sempre mudando, acrescentando novos conhecimentos que se arraigam e passam a constituir as características de um povo. Entendemos que a cultura popular possui elementos que a definem, mas não a delimitam.

No primeiro capítulo procuramos abordar o conceito de cultura popular, sua semelhança e diferença com o folclore, e ainda trazendo a cultura popular no Brasil, a fim de alcançar a identidade brasileira.

No segundo capítulo trouxemos as experiências da Cultura Popular no ensino de História, através da abordagem das festas e costumes populares, percebendo a cultura popular como arquivo da tradição e entendendo que a História é construída passo a passo, pela memória do povo. Colocamos a culinária como fator importante para a preservação das tradições populares e relatamos nossa experiência com alunos, na Feira Gastronômica, no Mercado da Uberlândia.

Esperamos contribuir para despertar o gosto pelo estudo de História, num contexto voltado à realidade de cada um.

CAPÍTULO 1 CULTURA POPULAR

1.1. Discutindo as dificuldades da utilização dos conceitos

Cultura diz respeito ao modo de ser e de viver dos grupos sociais: a língua, as regras de convívio, o gosto, o que se come, o que se bebe, o que se veste vão formando aquilo que é próprio de um povo.

A cultura é o fermento que alimenta, dá forma e conteúdo à educação. Como afirma Brandão¹ (2001, p.35): “educar é fazer perguntas” e que

“ensinar é criar pessoas em que a inteligência venha a ser medida mais pelas dúvidas mal formuladas do que pelas certezas bem repetidas. De que aprender é construir um saber pessoal e solidário através do diálogo entre iguais sociais culturalmente diferenciados”.

Uma das características mais marcantes da espécie humana é a grande diversidade de configurações socioculturais possíveis no tempo e no espaço. As sociedades humanas são sempre únicas em função das especificidades culturais nelas desenvolvidas. Cada sociedade possui um sistema cultural, no qual, entretanto, vários sistemas simbólicos são incorporados e compartilhados.

Segundo Vianna² (2003) “ entende-se por cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes, ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas”.

Para tratar de cultura popular é necessário saber que se está lidando com um termo dado a muitas definições e repleto de ambigüidades.

¹ BRANDÃO, C.R. Festas Populares Brasileiras. São Paulo: Pioneira, 2001

² VIANNA, L. Patrimônio imaterial: novas leis para preservar ... o que? Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br> acesso em 10.janeiro.2007

Burke³ (1989, p.25) escreve que até o século XVIII “o termo cultura atendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante”.

Canclini⁴ (1983) não concorda com um conceito tão amplo e propõe restringir o uso do termo cultura para “a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social” (CANCLINI, 1983, p.29).

Para Arantes⁵ (1998), a cultura está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”.

Essas definições deixam claro que todas as sociedades possuem cultura, pois, em todas, para se relacionar com a natureza e entre si, os homens seguem valores, normas de conduta, manifestações artísticas, religiosas, etc. Esses elementos expressam o modo de vida do povo e, de alguma maneira, condicionam seu modo de ser.

³ BURKE, P. Cultura Popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

⁴ CANCLINI, N.G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003

⁵ ARANTES, A.A. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 1998

1.2. Patrimônio cultural

Nos artigos 215 e 216 (anexo nº 1) da Constituição⁶ promulgada em 1988, o conceito de Patrimônio Cultural abarca tanto obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas de grande valor do patrimônio material quanto manifestações de natureza “imaterial”, relacionadas à cultura no sentido antropológico: visões de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas, experiências diferenciadas nos grupos humanos, chaves das identidades sociais, aí incluídas as celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, os mistérios e mitos, a literatura oral e tantas outras expressões que fazem nosso país tão diverso e rico culturalmente.

O principal instrumento de preservação do patrimônio material é o instituto do tombamento, cuja legislação está sendo amadurecida desde, pelo menos, a primeira metade do século XX.

A legislação para o patrimônio imaterial, entretanto, é recente. No Decreto n. 3.551 de 04 de agosto de 2000 (anexo nº 2), os principais instrumentos de salvaguarda desse patrimônio, até hoje instituídos, são o inventário permanente, o registro em livros análogos aos livros de tombo e as políticas de preservação e fomento que devem ser estabelecidas.

Os documentos engavetados, os inventários, a descrição dos bens contidas nos livros do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) são apenas referências dos bens, mas não dão conta dos bens em si, que têm natureza dinâmica e intangível. O patrimônio imaterial como as festas e celebrações, as

⁶ BRASIL. Constituição Federal. Brasília: Senado, 1988

músicas, danças, comidas, saberes e técnicas próprias da cultura popular só se conservarão, efetivamente, se vividos por pessoas em condições, com garantias, liberdade e interesses em vivenciá-los de modo dinâmico e criativo.

Como explica Vianna⁷ (2003)

a nova legislação de preservação do patrimônio cultural só será eficaz na medida em que seja amplamente conhecida pelos diferentes segmentos da sociedade e que as comunidades locais e a sociedade abrangente tenham condições de estar mobilizadas para a prática permanente, para a transmissão e aprendizado de saberes, para a pesquisa, documentação, apoio e reconhecimento da riqueza cultural brasileira, de maneira crítica e participativa.

Este é o grande desafio do século XXI: preservação da diversidade cultural e a superação das desigualdades socioeconômicas, o que pode ser conseguido com a preservação da vontade de apreender, compreender, vivenciar, repassar e reinventar as tradições com liberdade, criatividade e senso de justiça social.

1.3. Cultura popular x folclore

A maior dificuldade para se conceituar cultura popular está justamente na definição do termo “popular”. Pode-se tomar como sinônimo de popular desde a idéia abrangente da palavra “povo” até conceitos mais delimitados como “popular rural” ou “popular urbano”. Como observa Arantes⁸ (1998) a simples objetivação de qualquer tipo de cultura como “popular” propõe que essa cultura seja diferenciada de outras formas de cultura existentes e atuantes na sociedade.

É importante que não se confunda a “cultura popular” com “cultura de massa”, pois esta última é produzida e comercializada por setores detentores da cultura erudita, a partir do uso e dosagem de elementos da cultura popular, reelaborando-os

⁷ VIANNA, L. obra citada

⁸ ARANTES, A.A. obra citada

a fim de adequá-los ao consumo imediato das camadas médias e inferiores da estratificação social.

Pela interpretação de Arantes⁹ (1998), a forma mais acertada de pensar a cultura, é aquela que a considera como um resultado da dinâmica social: a diferenciação entre cultura dominante e cultura popular se faz a partir das “escolhas” que um determinado grupo social faz.

Assim, a cultura popular tem como característica intrínseca a perpetuação de seus traços e padrões, considerando fatos da natureza, atitudes de veneração mágica perante as coisas do mundo, mantendo um sentido de repetição, sem descartar a possibilidade de renovação e reelaboração dos seus valores.

Desde pelo menos o século XIX e ao longo de todo o século XX, existem dois grandes pressupostos teóricos que orientaram o entendimento científico e políticas relativas à diversidade cultural humana: a perspectiva do etnocentrismo e a do relativismo cultural.

Explica Vianna¹⁰ (2003) que

O etnocentrismo é uma tendência que considera a cultura (valores, princípios, conhecimentos, modo de vida) de um grupo específico, seja ele qual for (uma nação, um país, um grupo religioso, uma tribo urbana de adolescentes, um time de futebol...), como medida para todos os outros. Sob essa perspectiva, o grupo a partir do qual se fala é comparado e valorado positivamente em detrimento dos outros grupos humanos.

A história tende a afirmar a idéia de que as sociedades industriais são mais desenvolvidas, com qualidade de vida superior à das sociedades pouco ou diferencialmente integradas ao modelo de referência. E, sob a luz desses argumentos, legitimaram-se muitas guerras, genocídios e massacres imperialistas a culturas genuínas.

⁹ ARANTES, A.A. obra citada

¹⁰ VIANNA, L. obra citada

Completa Vianna¹¹ (2003):

Enquanto a tendência da perspectiva etnocêntrica é subordinar o diferente sob a lógica da desigualdade econômica, a perspectiva relativista é ideologicamente pontuada pelo pacifismo, justiça, equidade social e pluralidade cultural e pelo esforço constante de conhecer para poder preservar essa pluralidade como possibilidade concreta da experiência humana.

O potencial criativo é um dos maiores patrimônios da humanidade; um dos traços mais marcantes que nos distingue e define enquanto espécie.

1.4. O folclore

Afirma Câmara Cascudo¹² (1983) que folclore e cultura popular são vizinhos e parentes mas não são iguais. Segundo ele: “folclore é a cultura popular produzida e organizada obedecendo a tradição. O folclore faz parte da cultura popular, é um modo e uma parte dela. Portanto, é importante termos sempre a preocupação de buscar compreender o significado do folclore na cultura popular”.

E Carneiro (apud Cunha¹³, 1989) completa: “plantado no passado imemorial da humanidade, projeta-se o folclore como a voz do presente e do futuro”.

A palavra folclore provém do neologismo “*folk-lore*” (saber do povo) cunhado por Williem John Thoms, em 1846, para denominar um campo de estudos até então identificado como “antiguidades populares” ou “literatura popular” (Cavalcanti¹⁴, 2003).

Nesse sentido amplo de “saber do povo”, a idéia de folclore designa muito simplesmente as formas de conhecimento expressas nas criações culturais dos diversos grupos de uma sociedade.

¹¹ VIANNA, L. obra citada

¹² CÂMARA CASCUDO, L. Mostra de Cultura Popular. Sesc, s/cidade, s/data

¹³ CUNHA, M.A.A. Literatura infantil – teoria e prática. São Paulo: Ática, 1989

¹⁴ CAVALCANTI, M.L. Entendendo o folclore. Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br> acesso em 11.janeiro.2007

Acrescenta Cavalcanti¹⁵ (2003) que:

Os estudos de folclore são parte de uma corrente de pensamento mundial, cuja origem remonta à Europa da segunda metade do século XIX. Ao mesmo tempo em que procuravam inovar, esses estudos eram herdeiros de duas tradições intelectuais que se ocupavam anteriormente da pesquisa do popular: os Antiquários (autores dos primeiros escritos que, nos séculos XVII e XVIII retratam os costumes populares) e o Romantismo (poderosa corrente de idéias artísticas e literárias, que emerge no século XIX, em oposição ao Iluminismo e que procura consagrar o povo como objeto de interesse intelectual).

Entendemos, como Brandão¹⁶ (1997), que folclore seja tudo o que as camadas sociais populares fazem e produzem como tradição, ou, uma pequena parte das tradições populares, se enfocarmos de outra forma, delimitando o campo de estudo em: a) narrativas tradicionais; b) costumes tradicionais; c) sistemas populares de crenças e superstições; d) sistemas e formas populares de linguagem.

Desta forma, o folclore pode seguir diretrizes baseadas em dois eixos: o lúdico e o prático, como define Cunha¹⁷ (1989):

Lúdicos: literatura oral – poesia (cancioneiro, desafios); narrativas (contos, histórias, fábulas, mitos e lendas); romances; enigmas ou adivinhas; anedotas; trava-línguas.

Diversões – rondas infantis (cirandinha, linda rosa juvenil); parlendas (bão-balalão...); jogos e sortes; danças e balés; cortejos como a Folia de Reis, escolas de samba; autos dramáticos e cômicos; teatro de bonecas e as festas tradicionais do calendário católico.

Música – vocal e instrumental; os instrumentos típicos: cuíca, berimbau, viola, rabeca, etc.

¹⁵ CAVALCANTI, M.L. obra citada

¹⁶ BRANDÃO, C.R. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1997

¹⁷ CUNHA, M.A.A. obra citada

Práticos: artes e técnicas – pintura, escultura; cerâmicas utilitária, decorativa e figurativa; vestimenta de vaqueiro, de baiana, de gaúcho; adornos pessoais, técnicas de construção; os artesanatos de rendas e bordados, chapéus, redes, utensílios de pesca, cestos, gaiolas, bonecos e brinquedos.

Usos e costumes – agrícolas e pecuários; a alimentação; as armadilhas de caça e pesca; a medicina de chás, pomadas, rezas e benzimentos; as cerimônias rituais que marcam nascimento, batismo, primeira comunhão, noivado, casamento e morte.

Linguagem popular – provérbios, línguas especiais, frases feitas, pasquins manuscritos e literatura de cordel.

1.5. Cultura Popular - um grande patrimônio

A Editora Ática¹⁸ (2003) entrevistou Ricardo Azevedo (anexo nº 3) para que falasse, como autor premiado em literatura infanto-juvenil, cujo tema preferido é o folclore, sobre o patrimônio que significa a nossa cultura popular.

Diz Azevedo:

O folclore é parte da nossa cultura popular, portanto, parte da cultura brasileira. Isso deveria ser assunto de todo dia. Seria muito bom se as pessoas tivessem uma consciência maior e mais abrangente do que é cultura popular, quais são seus contornos, suas raízes, suas características e implicações.

Numa sociedade cada vez mais urbana e complexa como a nossa, deveria fazer parte do acervo mental de todas as pessoas um conjunto de contos populares, ditados, frases feitas, anedotas, adivinhas, quadras populares, brincadeiras com palavras, a zoologia fantástica, as festas, as crenças, a culinária, etc. Trata-se de um conhecimento básico e seria importante que compusesse a cultura mínima de todo brasileiro. No dia em que isso ocorrer, o Brasil será um país mais coeso, justo e poderoso.

¹⁸ ÁTICA, Editora. Cultura Popular. Entrevista com Ricardo Azevedo, 2003, disponível em <http://www.atica.com.br>, acesso em 10.janeiro.2007

Perguntado sobre em que patamar está a tradição literária do folclore brasileiro, Azevedo respondeu que nossa cultura popular foi formada por uma mistura de elementos heterogêneos, vindos das várias regiões e tradições portuguesas, de outras várias tradições européias, africanas, árabes e asiáticas – vindas inclusive via portugueses, ainda no tempo da colonização. Fora isso, tem-se as diversas e riquíssimas culturas indígenas. Como o Brasil é um país de migrantes, tudo isso se misturou e continua se misturando e se recriando.

Diz Azevedo:

É preciso lembrar que falar em cultura popular não significa falar no passado. Ela está sendo gerada agora mesmo por todos os lados. Nas festas tradicionais de Pirenópolis (interior de Goiás) e nas maneiras como comemoramos nossas festas de família. Nos contos maravilhosos criados em Santa Catarina ou no Ceará e nas anedotas do dia-a-dia, no carnaval, nas gírias e frases feitas, nas brincadeiras, nos pára-choques de caminhão, na culinária, nos ditados, nas manifestações de religiosidade ou de medicina popular, assim como nos sambas de Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho.

Nossa cultura popular é, sem dúvida, um dos nossos patrimônios mais importantes e sua influência, no nosso jeito de ser e na nossa arte, é imensa e indiscutível. Seria muito bom se as pessoas tivessem consciência disso desde pequenas.

Assim finaliza Azevedo:

O chamado folclore é uma parte mais “tradicional” da cultura popular. Determinar fronteiras, entretanto, é muito difícil e, na verdade, um procedimento “culto”. O povo nunca esteve muito preocupado com definições e classificações. A cultura popular é sempre algo altamente plástico e poroso. Tudo o que for interessante é incorporado. Falam muito que o povo é conservador e cultua a tradição. Trata-se de uma visão estereotipada. Boa parte do povo brasileiro é analfabeta, ou enraizada na oralidade, e não tem outro modo de arquivar a tradição que não seja a memória, algo bastante impreciso e adaptável. Quem gosta de tradição é o modelo “culto” que escreve manuais e determina regras impressas, menos sujeitas a mudanças. Isso sim é ser conservador.

A cultura popular tende sempre a ser contextual, diz respeito a um grupo, a uma localidade, e não costuma ter uma preocupação geral, nacional. Ela

simplesmente é prática e incorpora o que foi interessante. Exatamente por isso, é absolutamente viva.

1.6. Cultura popular no Brasil

Os estudos sobre cultura popular no Brasil se iniciaram na segunda metade do século XIX, sob os auspícios da construção de uma identidade nacional.

Ensina Moreira¹⁹ (1999, p.312-313):

A idéia de Estado Nacional formulada durante um longo período na Europa, acabou por se definir no século XVIII como um poderoso elemento de coesão e coerção social. Ele configurou-se como a expressão moderna oriunda da correlação de forças, que estavam em jogo naquele momento na Europa. Na idade média um homem se sentiria primeiro cristão e só depois se diria francês, essa situação se inverte fazendo com que a nacionalidade ocupe o primeiro item de hierarquia de identidade e pertencimento, relegando a identidade religiosa a um segundo plano.

O Brasil, país integrado perifericamente no sistema capitalista internacional, tardou um pouco a discutir a questão nacional e só então, no século XIX, é que se inicia por aqui a busca do caráter e da identidade nacional. A filósofa Marilena Chauí²⁰ (2000) distingue os termos caráter e identidade, valendo-se do esquema de Hobsbawn, historiador inglês, que define o ano de 1830 como marco do aparecimento do termo “nação” no vocabulário político. Hobsbawn (apud Chauí, 2000), em sua periodização divide três etapas: de 1830 a 1880 como “princípio de nacionalidade”, momento em que se estabelece primordialmente a relação de nação e território cujo discurso se ligava à economia política liberal; a segunda etapa de 1880 a 1918 se estabelecia a “idéia nacional” onde nação se ligava à língua e cujos discursos provinham dos intelectuais pequenos burgueses; e por último o período de 1918 a 1950/1960 momento da “questão nacional” associada à consciência nacional e lealdades políticas defendidas pelos estados e partidos políticos.

¹⁹ MOREIRA, A. Teoria das relações internacionais. Porto: Almedina, 1999

²⁰ CHAUI, M. Brasil- mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000

A partir disto, Chauí²¹(2000) define a idéia de caráter nacional ligado ao “princípio da nacionalidade” (1830 a 1880) e à “idéia nacional”(1880 a 1918). O caráter poderia ser entendido como “disposição natural de um povo e sua expressão cultural”.

Nessa perspectiva de análise o caráter é visto como uma ideologia, que percebe a realidade brasileira ora positiva ora negativamente, mas sempre de um modo pleno e totalizado.

Segundo Chauí²²(1986, p. 28):

O caráter era visto em termos absolutos e não em comparação com outros povos, modo de abordagem que qualificou as análises que convergiram para a definição de uma identidade nacional brasileira. Esse conceito foi forjado pelo cotejamento do Brasil com as nações industrializadas, que compunham o núcleo de desenvolvimento capitalista de então. A partir da comparação com esses países o Brasil era entendido como subdesenvolvido, sem uma burguesia nacional que implementasse um projeto de desenvolvimento, sem um proletariado apto a realizar um programa de enfrentamento com as elites. Ao contrário do caráter, a identidade nacional se constituiu como ausência e lacuna.

Ortiz²³ (1994) indica que é no século XIX que se inicia o debate em torno do caráter brasileiro, num momento em que os intelectuais brasileiros estavam influenciados pelas teses étnicas, em evidência naquele momento.

A miscigenação brasileira é entendida como o cruzamento de três raças, a saber: a raça branca européia, o negro africano e o índio autóctone.

Ligado à raça e ao clima surge um binômio: nacional-popular, peça chave para o entendimento das diversas explicações que tentaram dar conta de entender o Brasil. É interessante notar como a busca do que seria o mais legítimo representante de uma nacionalidade encontre nas produções populares a sua mais acabada expressão.

²¹ CHAUI, M. 2000 – obra citada

²² CHAUI, M. Conformismo e resistência, aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986

²³ ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994

Visto que as transformações que ocorreram na organização social, nos modos de produção e conseqüentemente, nas formas de circulação do capital nesse período eram permeadas pelo fugidio, pelo transitório e pelo impessoal, que espaço teria a tradição nesse contexto? Essa foi uma das grandes questões colocadas aos intelectuais europeus e aos brasileiros que iniciaram os estudos sobre o folclore no final do século XIX. Porém, no caso do Brasil, os intelectuais como Silvio Romero e Couto de Magalhães²⁴, se viram diante de uma outra pergunta, diretamente ligada à questão da identidade nacional: “quem somos, afinal?”

Para responder a esta pergunta, era necessário entrar em contato com o povo, ou seja, com as classes subalternas, os homens simples, “deseducados” e ao mesmo tempo, testemunhas e arquivos da tradição. Acreditava-se numa incompatibilidade entre as manifestações folclóricas e o progresso, ou seja, entre os avanços da modernidade e a tradição. Havia a necessidade de salvar o que pertencia ao nosso passado, e o desejo de esquecê-lo – colonização, exploração, escravidão e mestiçagem.

1.7. Identidade brasileira

Esclarece Melo²⁵(2006) que “ a partir dos anos 1930 com o Governo Getúlio Vargas, a cultura passou a ser vista como um importante *lócus* de interferência do estado no sentido de se produzir um ideal de homem brasileiro. A música, através do samba, foi um desses lugares onde se travou um combate contra a malandragem, por exemplo. O Brasil entrava naquele momento em uma nova etapa de seu

²⁴ Silvio Romero – um dos pioneiros do estudo do folclore brasileiro; Couto de Magalhães- político e escritor, extraiu ricas observações etnográficas e antropológicas, de seu contato com os índios.

²⁵ MELO,R.M. Cultura popular, pequena discussão teórica, 2006, tese de mestrado em mUsicologia, UNIRIO,2005

desenvolvimento, e os grupos hegemônicos sentiam a necessidade de estabelecer um imaginário que atendesse às expectativas do capitalismo emergente”.

Completa Oliveira²⁶ (1992, p. 71):

Com o advento do Estado Novo há uma reconceituação do “popular”, no sentido de que o termo apresentava uma ambigüidade que o estado tentava equacionar. Por um lado era positivo, porque nele se encontrava a alma nacional, associando-se a isso o fato de ser espontâneo, autêntico e puro. Por outro lado, o povo era visto também como inconsciente, analfabeto, deseducado e precisando, pois, da ação do estado no sentido de educá-lo e instruí-lo.

A década de 1950 inaugura um outro ciclo econômico e político, que por sua vez exige novas conceituações no que diz respeito ao nacional e ao popular. A relação desse novo pensamento brasileiro com a cultura se estabelece através do ideário nacional-popular e da própria reavaliação do conceito de cultura.

O homem brasileiro, sob a ótica de Queiroz (apud Oliveira, 1992, p.71) era um homem sem passado, alienado no íntimo do seu ser porque fora colonizado, ao qual haviam sido impostos conjuntos culturais transferidos do exterior, tornava-se urgente criar ou descobrir uma cultura nacional válida, que assim se apresentava como um projeto ligado ao futuro, como uma utopia do porvir que serviria de motor à ação.

É dessa forma que vemos uma desvinculação entre cultura popular como folclore e identidade nacional. Isto porque folclore é a tradição ou o passado, e cultura popular é o presente e, portanto, com possibilidade de transformação.

A partir dos anos 60, os aspectos políticos ideológicos passam para o primeiro plano das discussões sobre cultura popular. A crise que desembocou no golpe de 1964, com a tomada do poder pelos militares, foi um momento de grande efervescência intelectual.

²⁶ OLIVEIRA, L.L. Os intelectuais, a nação e o povo. In: Seminário folclore e cultura popular- série encontro e estudos. Rio de Janeiro: IBAC, 1992

Esclarece Ayala²⁷ que no início da década de 60, publicações como *Os cadernos do Povo brasileiro*, editados pela Civilização Brasileira e movimentos como o MCP (Movimento da Cultura Popular) de Pernambuco, e os CPCs (Centros Populares de Cultura, da UNE (União Nacional dos Estudantes) discutem esses problemas com a finalidade de transformar seus posicionamentos em interferências concretas na realidade.

Na concepção do CPC, a cultura só poderia ser popular na medida em que fosse revolucionária. Sobre isto, critica Chauí²⁸ (1983, p. 90-91):

Talvez o mais interessante seja o esforço do intelectual e do artista para converter-se em revolucionário, sem consegui-lo: para poder respeitar o povo, o artista do CPC não pode tomá-lo nem como parceiro político e cultural, nem como um interlocutor igual; oscila, assim, entre o desprezo pelo povo 'fenomênico' e a invenção do povo 'essencial', os heróis do exército de libertação nacional e popular (que existem apenas em sua imaginação).

Ou, como diz Durham²⁹ (1980), a cultura popular é entendida como produção historicamente determinada, elaborada e consumida pelos grupos subalternos de uma sociedade capitalista, que se caracteriza pela exploração econômica e pela distribuição desigual do trabalho, da riqueza e do poder.

Compreende-se, então, a possibilidade de pensar a cultura popular para além de sua materialização em objetos, ou em modelos culturais. É possível encontrar o popular nos modos de uso e nas apropriações feitas pelos grupos não hegemônicos.

A idéia de circularidade cultural expressa por Ginzburg³⁰ (1987) rompe com o esquematismo mencionado por Chartier que tomam a cultura popular como

²⁷ AYALA, M.; AYALA, M.I.M. *Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991

²⁸ CHAUÍ, M. *Seminários*. São Paulo: Brasiliense, 1983

²⁹ DURHAM, E. A dinâmica cultural na sociedade moderna. São Paulo: *a Arte em Revista* 2(3):13-4, mar/80

³⁰ GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

totalmente autônoma da cultura letrada, ou a vê “em suas dependências e carências em relação à cultura letrada”(CHARTIER³¹, 1995, p.179).

A identidade cultural brasileira é encontrada, portanto, no dia-a-dia, nos encontros e comemorações, com a mutabilidade presente em todas as atividades que envolvam crescimento e desenvolvimento.

O folclore brasileiro – riquíssimo – faz parte dessa cultura, enriquecendo-a, com um tipo de tradição que passa de geração em geração, tornando a cultura popular brasileira mais abrangente.

Conclusão do primeiro capítulo

Ao conceituar-se a cultura, percebe-se que é o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou em forma de idéias, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos.

A cultura é constituída de diferentes valores, formando os complexos que, unidos e inter-relacionados, são o padrão cultural: a organização social, a língua usada, a organização política, a estética, as idéias religiosas, as técnicas, o sistema de ensino, por exemplo, são alguns dos elementos existentes em uma sociedade. Esses elementos dão forma à cultura e a representam, em conjunto, de maneira a caracterizar a sociedade em que se manifestam. Mas não são iguais em todas as sociedades; daí a cultura ser variável. A cultura é também cumulativa; vão se acumulando nela, em face da respectiva sociedade, os elementos vindos de gerações anteriores, sem prejuízo das mudanças que se podem verificar no decorrer do tempo. Cada geração humana, em determinada sociedade, recebe os elementos

³¹ CHARTIER,R. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricos, vol.8 nº16. Rio de Janeiro, 1995

vindos dos seus antepassados, e ao mesmo tempo vai acolhendo novos elementos que se juntam àqueles.

Impossível falar-se de cultura popular sem abordar o folclore, extremamente importante para o enriquecimento da cultura de qualquer sociedade. O folclore se entrelaça na cultura, enriquecendo-a.

Abordou-se, portanto, nesse primeiro momento, a conceituação, a teoria do elemento cultura popular. No segundo capítulo, pretende-se abordar as festas e costumes populares, bem como a ótica da cultura popular como um arquivo das tradições que marcaram as diversas fases históricas do nosso país, mostrando que a história se faz pela memória do povo, para se chegar à prática do ensino de História, através desse contexto popular, tão rico e, até pouco tempo, tão esquecido. A prática da experiência numa feira gastronômica vem corroborar a possibilidade, ou mais que possibilidade, a conveniência de ensinar história valendo-se do que a cultura popular pode oferecer, marcando indelévelmente a história de cada um, como agente ativo da construção da História de todos nós.

CAPÍTULO 2 EXPERIÊNCIAS DA CULTURA POPULAR NO ENSINO DE HISTÓRIA

2.1. Festas e Costumes Populares

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública: eram os momentos centrais desta atividade, funcionando como autênticos sistemas de comunicação entre a comunidade e entre esta e os visitantes que participavam do evento. Para a comunidade, eram momentos de afirmação da identidade coletiva, através dos quais o indivíduo tomava consciência de seu “pertencimento” a determinado grupo, assumindo o papel de protagonista de sua própria história. No dizer de Ferreira³² (2006): “a festa era também um lugar simbólico através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social”.

Lanternari (apud Ferreira, 2006) ensina que:

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e à sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Esta ação de resgatar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado.

Este resgate envolve um conflito, porque incorpora novos valores aos tradicionais, mas é uma experiência boa, porque enriquece a identidade cultural da

³² FERREIRA, M.N. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. São Paulo: Comunicação e Política, vol.24, n°2, 2006

comunidade, pelo caráter cumulativo e dinâmico da experiência humana na construção da cultura.

No passado, a divulgação das festas era feita somente pelo calendário religioso e através das relações face a face entre familiares, parentes, amigos e vizinhos. Atualmente, a ação da mídia e as suas estratégias de comunicação no contexto contemporâneo se expressam de vários modos e em diferentes situações. A apropriação da cultura popular pela cultura de massa disseminou e alterou aos poucos as formas tradicionais de viver as manifestações culturais dos grupos sociais. Nesse processo, as manifestações populares tais como as festas populares também se modificaram. De acordo com Canclini³³(1997), a globalização não conseguiu destruir a cultura popular. Em especial nas últimas décadas, as culturas tradicionais vêm se desenvolvendo enormemente e se modificando. Um dos fatores dessa mudança é a necessidade do mercado incluir as estruturas e os bens simbólicos tradicionais nos circuitos massivos de comunicação, a fim de atingir as camadas populares menos integradas à modernidade.

Para Brandão³⁴(1997), a comunicação coletiva se utiliza de diferentes meios e instrumentos para transmitir os conteúdos das mensagens e os valores identitários de um grupo social. Para ele, os grupos sociais possuem uma forma de entender e organizar o mundo de acordo com seu cotidiano. Os valores dos grupos sociais são expressos através da cultura popular, em forma de canções, filosofias de vida, vestimentas, visões de mundo, entre outros.

2.2. Costumes populares no Brasil

³³ CANCLINI, N.G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997

³⁴ BRANDÃO, C.R. obra citada

O Brasil é um país vasto como um continente, daí a necessidade de dividi-lo em áreas culturais, para que melhor se possa analisar e compreender os costumes populares.

Segundo Araújo³⁵(1993) área cultural é o espaço geográfico, contínuo ou descontínuo, cujos grupos humanos apresentam condições semelhantes de cultura, pela permanência de valores comuns e constantes.

Vários estudiosos brasileiros têm tentado dividir o Brasil em áreas culturais: Raimundo Nina Rodrigues³⁶ baseou-se nos tipos antropológicos predominantes. Silvío Romero³⁷, nas zonas sociais; Roquette Pinto³⁸ usou o critério antropológico; Alceu de Amoroso Lima³⁹ baseou-se nas condições psicológicas da população; Joaquim Ribeiro⁴⁰ na homogeneidade cultural; Alceu Maynard Araújo⁴¹, nas técnicas de subsistência. O estudo das áreas culturais é muito complexo, mas pode-se vislumbrar a caracterização dos diferentes tipos de estrutura brasileira, os fenômenos evolutivos que as várias regiões vêm sofrendo, onde o carro de bois passa gemendo ao lado de torres de petróleo, onde o passado coabita com o presente.

Dentre os costumes populares, define Araújo(1993) que o jogo é uma poderosa e salutar arma educativa, uma das mais completas formas de preparação para a vida real.

³⁵ ARAUJO, A.M. Brasil. Histórias, costumes e lendas. São Paulo: Editora Três, 1993

³⁶ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi patologista, sociólogo e etnógrafo. Estudou a psicologia, o folclore e o comportamento social dos negros africanos e seus descendentes, na Bahia

³⁷ Silvío Romero (1851-1914) foi ensaísta e primeiro historiador sistemático da literatura brasileira. Um dos pioneiros do estudo do folclore brasileiro.

³⁸ Edgard Roquette Pinto (1884-1954), antropólogo e pioneiro da radiodifusão educativa brasileira. Membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

³⁹ Alceu de Amoroso Lima (1893- 1983), professor, escritor e líder católico, defensor dos ideais liberais e dos direitos humanos.

⁴⁰ Joaquim Brás Ribeiro (1907-1964), lingüista e ensaísta.

⁴¹ Alceu Maynard Araújo (1913-1974), escritor, educador e folclorista brasileiro.

Os jogos tradicionais compreendem brinquedos ou brincadeiras. Brinquedos são aqueles em que não há disputa, brinca-se por brincar, joga-se por jogar.

Brincar com boneca, pipa, cirandinha.

Brincadeiras são aqueles jogos em que há disputa, que provoca o desejo de ganhar, de vencer: bolinha de gude, carniça, amarelinha, pião, futebol de bola de meia. A brincadeira provoca a socialização, realiza contatos humanos, é muito importante no desenvolvimento das crianças.

Muitos são os costumes populares que se praticam pelo Brasil. Pode-se citar: arte de se enfeitar, caça e pesca, culto da lua, literatura de cordel, serenatas, forno caipira.

Da mesma forma, as festas populares são comuns, podendo-se citar o Carnaval, as festas juninas, festa da uva, folia de reis, rodeios.

As festas podem ser examinadas do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um elemento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento (FERREIRA, 2006, p.62)⁴²

2.3. A cultura popular como arquivo da tradição

As formas de comunicação das informações que circulam nas festas comunitárias ocorrem de forma oral e escrita. A comunicação oral ou verbal se expressa através do uso da linguagem comum. Na forma oral transmitem-se as mensagens de pessoa a pessoa, dentro da comunidade, de um grupo para outro e entre as comunidades vizinhas, de uma geração a outra. Nessa forma de comunicação a memória social exerce um papel fundamental, pois a preservação e

⁴² FERREIRA, M. N. obra citada

a continuidade das tradições do grupo depende das lembranças dos membros do grupo.

Para Morigi et.al⁴³ (2004, p.328):

Os saberes da cultura popular, geralmente são transmitidos através da oralidade, uma vez que não há registros escritos deles. Esses processos ocorrem de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, de geração a geração. Muitos desses saberes populares são incorporados à vida cotidiana, no modo de viver grupal. Tudo que é absorvido e aceito pela comunidade é incorporado à maneira de pensar, sentir e de agir desta, e preservado pela tradição do popular.

As festas populares, como forma de diversão para os membros das comunidades, trazem inconscientemente elementos simbólicos produzidos no interior da sua cultura, que reforçam a identidade do grupo social que representa. O festejo como um todo, é constituído por uma trama complexa de informações que é responsável pela rede de significados que alimenta a memória coletiva daqueles que constroem e participam do evento. Assim, as festas populares são espaços sociais privilegiados de produção de sentidos e de construção de identidades coletivas.

Sobre isto opinam Morigi et al.⁴⁴ (2004, p.331):

No momento em que os participantes vivem a festa, reconstituem a memória dos acontecimentos vividos em eventos passados, ao relembrar momentos de alegria e os costumes presentes na tradição. As festas comunitárias informam a memória coletiva, que está presente no momento em que os membros se reúnem para planejar, organizar e vivenciar a festa. Os elementos que compõem o festejo são constantemente lembrados como partes integrantes da tradição cultural, unem e geram laços de identidade e solidariedade entre os participantes. Dessa forma, a festa é vivida e reconstituída através da memória coletiva, que transmite os valores sociais de forma oral, numa tradição que se repete de geração a geração.

Assim, a comunidade vive a festa, toma-a para si, modifica e transforma, fazendo surgir novas formas e práticas culturais, algumas derivadas da ação,

⁴³ MORIGI, V.J.; BINOTTO, S.F.T.; SEMENSATO, S. Trama de informações e as formas de comunicação nas festas comunitárias. Porto Alegre: Em questão, vol.10, n.2, 2004

⁴⁴ MORIGI, V.J. et al. Obra citada

intercâmbio e apoio dos meios de comunicação massivos. Portanto, cada geração pode contar a sua história, que se entrelaça com a história da vida coletiva e de seus rituais. As manifestações significativas, tais como as celebrações comunitárias, ficam registradas somente na memória coletiva.

A transmissão da tradição ocorre através da memória social de grupos específicos. A memória, conforme Pollak (apud Morigi et al., 2004) é um fenômeno coletivo e social construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Ela transmite a cultura local herdada, e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Mas, a memória é seletiva e nem tudo fica gravado na mente das pessoas. Por isto, ela está diretamente ligada ao sentimento de identidade coletiva. A afetividade marca os acontecimentos e constrói um sentido que dá coerência aos fatos.

Barros diz :

Se há uma preocupação em manter a identidade do grupo através da sua memória, é importante que as mudanças não o desintegram, rompendo as relações entre esses traços fundamentais tanto através do tempo com relação aos conteúdos anteriores, como também na manutenção daquilo que permanece como a essência da identidade do grupo (BARROS, 1989, p.33)⁴⁵

A festa, portanto, é vivida e reconstituída na memória coletiva, fortalecendo as tradições da cultura regional e local.

2.4. A história se faz pela memória do povo

O suporte fundamental da identidade é a memória, mecanismo de retenção, de informação, conhecimento, experiência, quer em nível individual, quer social e, por isso mesmo, é o eixo de atribuições que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade.

⁴⁵ BARROS, M.M.L. Memória e Família. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1982

Menezes⁴⁶ (1987, p.185) diz que

Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência, e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziado para o vazio do futuro.

E Câmara Cascudo⁴⁷ (1971) ao apresentar seu livro *Tradição, Ciência do Povo* diz: “a Memória é a Imaginação no Povo, mantida e comunicável pela Tradição, movimentando as Culturas convergidas para o Uso, através do Tempo. Essas Culturas constituem quase a civilização nos grupos humanos”.

Valemo-nos do pensamento de Ortiz⁴⁸ (1994, p. 117): que conclui: “ a memória nacional confere uma certidão de nascimento para os que vivem no interior de suas fronteiras”.

Com o advento da sociedade urbano-industrial, entretanto, a noção de pessoa já não mais se encontra centrada na tradição. O anonimato das grandes cidades e do capitalismo corporativo pulveriza as relações sociais existentes. A sociedade deve, portanto, inventar novas instâncias para a integração das pessoas.

Afirmar a existência de uma memória internacional popular é reconhecer que, no interior da sociedade de consumo, são forjadas referências culturais modernizadas.

“Um arquivo de lembranças permite que cada dado individual seja agenciado em diferentes contextos. Eles são, portanto, em função de seu uso, intercambiáveis

⁴⁶ MENEZES, U.B. *Identidade Cultural e arqueologia*. In: *Cultura Brasileira – temas e situações*. Bosi, A. (org.) São Paulo: série fundamentos, 1987

⁴⁷ CÂMARA CASCUDO, L.- *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Perspectiva, 1971

⁴⁸ ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994

ajustando e combinando-se uns com os outros. Essa é a característica da intertextualidade” (ORTIZ,1994, p.127)⁴⁹

A mundialização da cultura, de acordo com Ortiz (1994) redefine o significado da tradição. Pode-se perceber a tradição enquanto permanência do passado distante, de uma forma de organização social contraposta à modernização das sociedades; e como passado que se mistura ao presente, determinando as maneiras de ser, as concepções de mundo. Cultura-identidade, referência para os comportamentos, enraizando os homens na sua mobilidade.

Na cultura popular, o novo e o velho se entrelaçam: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram.

Morin (apud Bosi,1977)⁵⁰ diz que “a técnica feita indústria permitiu a consolidação de grandes complexos, produtores e fornecedores de imagens, de palavras e de ritmos, que funcionam como um sistema entre mercantil e cultural”.

Por razões de afinidade geográfica e histórica ou de acesso diferenciado a recursos econômicos e tecnológicos, muitas vezes o que se chama de globalização é, a rigor, a concretização de um agrupamento regional ou entre países com vínculos históricos.

Para Canclini⁵¹ (2003,p.167) “ as afinidades e divergências culturais são importantes para que a globalização abranja ou não todo o planeta, para que seja circular ou apenas tangencial”.

A base é o conceito mais importante a ser observado, se quisermos entender as realidades do processo cultural. Por uma questão de hábito verbal, nas várias formulações do problema da base e da superestrutura, a base foi considerada quase como um objeto. A base é a existência social real do homem, são as relações de

⁴⁹ ORTIZ,R. obra citada

⁵⁰ BOSI, E. Cultura de Massa e Cultura Popular. Petrópolis: Vozes, 1977

⁵¹ CANCLINI,N.G. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003

produção reais que correspondem a fases do desenvolvimento das forças produtivas materiais. A base é um modo de produção num estágio particular de seu desenvolvimento. (WILLIAMS, 2005.p.213)⁵²

A coisa mais importante que um trabalhador produz é a si mesmo, no sentido de alguém fazer um determinado tipo de trabalho ou, numa ênfase histórica mais ampla, os homens produzindo a si mesmos, a si a à sua história.

2.5. O ensino de História através do contexto popular

As instituições educacionais são geralmente os agentes principais na transmissão de uma cultura efetiva e dominante e esta é, em nossos dias, uma atividade de grande importância, tanto econômica quanto cultural. Para tanto, é necessário que exista um processo seletivo em relação ao que será transmitido.

Completa Williams⁵³ (2005, p.217):

O principal é a seleção, o modo pelo qual, de um vasto campo de possibilidades do passado e do presente, certos significados e práticas são enfatizados e outros negligenciados e excluídos. Ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos, ou colocados em formas que apóiam ou ao menos não contradizem outros elementos intrínsecos à cultura dominante e efetiva.

A escola torna-se, de um certo modo, um elemento-chave em torno do qual se cria uma comunidade de interesses, de gostos e de enraizamento social, histórico e cultural cuja memória e cujo elemento catalisador são os professores.

Aclimatar os jovens à obra cultural humana, conscientizá-los com relação às dimensões ocultas da cultura (preconceitos, estereótipos, identidades nacionais, tribais, religiosas, sexuais) e aos fenômenos de inclusão e de exclusão por elas desencadeados, suscitando o interesse deles pelo contexto histórico das produções culturais e ajudando-os a desenvolver seu senso crítico e sua responsabilidade como seres culturais, eis algumas orientações que poderiam estar no cerne da missão da escola (MELLOWKI & GAUTHIER, 2004, p.562)⁵⁴

⁵² WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. Revista USP, São Paulo n.65. março/maio/2005

⁵³ WILLIAMS, R. obra citada.

⁵⁴ MOLLOWKI, M; GAUTHIER, C. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. In: Educação e Sociedade. Revista de Ciência da Educação. São Paulo: Cortez. Campinas: Cedes, 2004

No V Encontro Nacional – Perspectivas do Ensino de História, realizado no Rio de Janeiro, em 2003, seiscentos professores e pesquisadores debateram questões como os sujeitos e as narrativas da História, relação entre ensino, memória e patrimônio, formação de professores, currículos, livros didáticos, ensino de História nas séries iniciais, história local, deixando patente que também o ensino dessa disciplina deve ser dinâmico e participativo. Uma idéia de ensino comprometida com a construção de uma nação democrática, com a mudança.

É preciso saber combinar os novos temas e os tradicionais (a história nacional e a do mundo), indispensáveis à formação do cidadão.

Assim, conforme Ribeiro⁵⁵ (2004, p.81)

Estudar a Revolução Industrial na Europa é tão importante quanto conhecer a industrialização no Brasil e a indústria local, isto é, da cidade ou do bairro. O recente avanço teórico não fez os jovens se sentirem mais próximos da história, da qual eles são também agentes. Todos têm uma história. Investigá-la e contá-la é necessário à construção das identidades e da cidadania.

2.6. Gastronomia e cultura

Petrini⁵⁶ (2006) diz que a gastronomia pertence ao domínio das ciências, da política e da cultura. Contrariamente ao que se acredita, diz ele, ela pode constituir uma ferramenta política de afirmação das identidades culturais e um projeto virtuoso de confronto com a globalização em curso.

A gastronomia nos conduz a um saber interdisciplinar e complexo. Interessar-se pela alimentação exige conhecimentos nos domínios da antropologia, da sociologia, da economia, a química, a agricultura, a ecologia, a medicina, os saberes tradicionais e as tecnologias modernas.

⁵⁵ RIBEIRO, M.V.T. Os novos caminhos do ensino da História. Rio de Janeiro: revista Nossa história, setembro/2004

⁵⁶ PETRINI, C. Gastronomia, direito humano. Disponível em <http://diplo.uol.com.br> acesso em 10.janeiro.2007

Câmara Cascudo⁵⁷ (1983,p.405) diz, a respeito da alimentação: “ inútil pensar que o alimento contenha apenas os elementos indispensáveis à nutrição. Contém substâncias imponderáveis e decisivas para o espírito, alegria, disposição criadora, bom-humor”.

Fialho de Almeida⁵⁸ (1942) proclamou em 1891: um povo que defende os seus pratos nacionais, defende o território.

Percebe-se, portanto, a importância da alimentação como elemento cultural. As comidas típicas de cada região estão impregnadas da sabedoria popular. O acarajé foi considerado patrimônio da Bahia, assim como o pão-de-queijo é patrimônio de Minas Gerais.

Uma das provas incontestas do valor da culinária como referência cultural, está nos “mercadoes”.

Os “mercadoes” constituem atração turística reunindo comércio e história. Em Salvador, na Bahia, o Mercado Modelo encanta os turistas, não apenas por sua localização privilegiada, mas também pela variedade de produtos e pratos típicos.

O Mercado de São Paulo já foi cenário de novela, de filme e é escala obrigatória na viagem de turistas de todo o mundo, que visitam a cidade. Segundo reportagem do “Jornal Hoje”⁵⁹: os sabores do mundo se encontram no Mercado Municipal de São Paulo. São milhares de itens à venda. Delícias que fazem o visitante querer comer tudo, levar tudo. Entre tantas opções, uma unanimidade: o pastel de bacalhau.

Também o Mercado de Belo Horizonte é uma atração à parte. Lá, vende-se de tudo: de bicho vivo a pratos servidos no balcão. Resgata aí o interior, aquela

⁵⁷ CÂMARA CASCUDO,L. História da alimentação no Brasil. Vol.2 Belo Horizonte: Itatiaia, 1983

⁵⁸ FIALHO DE ALMEIDA, Os gatos. Rio de Janeiro: edições livros de Portugal, 1942

⁵⁹ JORNAL HOJE disponível em <http://jornalhoje.globo.com/TVGlobo>, acesso em 25.janeiro.2007

coisa do interior, aquela comida do interior. Nos corredores do mercado, misturam-se sabores e cultura.

Observa Holanda⁶⁰ (1994, p.55) que

Para a análise histórica das influências que podem transformar os modos de vida de uma sociedade é preciso nunca perder de vista a presença no interior do corpo social, de fatores que ajudam a transmitir ou rejeitar a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhas à sua herança cultural.

No caso específico da região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais, faz parte da etiqueta caipira, receber com cortesia e um certo formalismo, permitindo estabelecer uma relação entre a comida, a hospitalidade e a generosidade de bem receber os convidados ou visitantes.

Assim, temos na culinária um ponto-chave que marca a cultura em suas diversas épocas. Cada prato guarda uma história, tornando se sabor ligado aos usos e costumes, temperado com as raízes do povo.

Torna-se mais fácil compreender a cultura popular, através da prática vivenciada.

2.7. Experiência na Feira Gastronômica – RELATO ANALÍTICO

O motivo de toda esta pesquisa teórica apresentada, vincula-se às aulas práticas e à experiência vivenciada na disciplina Prática de Ensino II, cujo estágio foi realizado na Escola Estadual Frei Egídio Parisi⁶¹, na cidade de Uberlândia, onde foi elaborado ao final da experiência um relato avaliativo. Ao pensar a atividade didática a ser realizada com os alunos, a possibilidade de uma atividade extra-escolar, a ser realizada fora dos muros e do espaço escolar propriamente dito me motivou.

⁶⁰ HOLAND, S.B. Iguarias do bugre. In: Caminhos e fronteiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

⁶¹ Ver caracterização da Escola Frei Egídio Parisi, no anexo nº 9

Desde o primeiro momento pensei em algo diferente, que pudesse despertar o interesse dos alunos. Concordo com Vianna⁶² (2003) que afirma:

É fundamental o papel da escola e dos educadores em geral, na atualização constante dos princípios do relativismo cultural para as novas gerações; na valorização da diversidade cultural com respeito e tolerância; no estímulo permanente à curiosidade pelas culturas e identidades tradicionais das comunidades locais, divulgando-as para que sejam conhecidas e reconhecidas na própria comunidade e na sociedade abrangente.

Pensei então na disciplina “Estudos Alternativos em História Contemporânea”, ministrada pela profª Maria Clara, que nos ensinou sobre Cultura Popular, suas origens, as manifestações em Uberlândia e região. Na ocasião foi apresentado um Seminário (como forma avaliativa). O meu grupo abordou o tema: “comida”.

Uma vez definido o tema, comecei a idealizar a forma de apresentá-lo a alunos da 7ª série. Comecei a preparar o material que me servisse de embasamento e que me permitisse conceituar adequadamente cultura popular e folclore, além de mostrar o quanto estas tradições estão arraigadas na memória do povo.

O trabalho didático-pedagógico teve início na sala-de-aula. Após conceituar o tema, elaborei algumas atividades para que os alunos percebessem que história e cultura popular não são acontecimentos antigos mas sim, fatos que fazem parte de nosso cotidiano e de nossas vidas.

A primeira atividade foi o “Dicionário do Mineiro” e a “Receita do Mineiro” (anexos 4 e 5).

O dicionário mineiro além de inúmeras vantagens, contempla a tão propagada interdisciplinaridade. Pois, ao mesmo tempo que estamos lidando com as práticas e vivências históricas de um determinado grupo, estamos percebendo o modo deste grupo se expressar através da linguagem oral. Portanto, um trabalho onde a língua

⁶² VIANNA, L. obra citada

portuguesa adquire um contexto histórico de mudança, oralidade, divulgação e propagação no tempo e no espaço

Após concluírem esta atividade em sala-de-aula, pedi aos alunos que trouxessem, na próxima aula, um prato típico preparado por sua família. Apareceram diversas peculiaridades típicas da região de Minas Gerais, como pão-de-queijo e um “cadinho” de sal. Mostrei aos alunos que “cadinho”, além de ser um dialeto local, faz parte da tradição familiar.

Surgiu então a oportunidade de levar os alunos ao Mercado Municipal de Uberlândia, onde acontece a Feira Gastronômica, toda terceira quinta-feira do mês, com show ao vivo e barracas típicas de cada país e região, com suas respectivas comidas.

Para se concretizar o passeio, algumas providências foram tomadas:

- Comunicação à Profª Angélica, regente da turma, e conseqüente aprovação da idéia;
- Pedido ao diretor, Prof. Washington, para providenciar o ônibus, para o deslocamento dos alunos até o local da Feira;
- Elaboração das autorizações para os pais assinarem, permitindo o passeio de seus filhos. Essas autorizações deveriam ser entregues com três dias de antecedência, para o planejamento correto.

O diretor apresentou à Prefeitura Municipal de Uberlândia, através da Secretaria de Cultura, o Projeto de Atividade Pedagógica (encaminhamento, no anexo nº 6)

Solicitamos aos alunos que levassem uma pequena quantia em dinheiro, para comprar alguma coisa que quisessem, nas barracas. Esta situação nos levou a questionar a influência do capitalismo na divulgação e propagação da cultura

popular local. Em verdade mostrando como o processo de globalização apropria-se das práticas culturais locais de um povo, no caso citado da Feira Gastronômica, fazendo com que deixasse de ser apenas algo típico de um povo e passando a ser, também, uma sociedade de consumo. Vemos isto claramente no turismo que, além de explorar a paisagem e monumentos locais, sempre apresenta algo interessante da culinária, para degustação: em Goiás, por exemplo, tem que experimentar o “Empadão Goiano”, em São Paulo, o “ Pastel de Bacalhau”, na Suíça, comer o “melhor chocolate do mundo”, na China, “ carne de cachorro”, enfim, cada lugar traz as suas peculiaridades e divulga em propaganda uma série de produtos que podem ser consumidos e adquiridos pelos turistas, entre produtos, serviços, atividades de lazer, etc.

Após resolver as pendências burocráticas da “excursão”, enviei aos pais, através dos alunos, as citadas autorizações (modelo no anexo nº 7), que deveriam ser assinadas e devolvidas em tempo hábil.

Feita a relação dos alunos participantes (anexo nº 8), passei uma cópia para a Direção da Escola, de modo que se tivesse um controle de quantos e quais alunos estavam no evento (num total de 36).

Marcamos o dia 20 de outubro de 2005, às 17h, em frente à Escola Estadual Frei Egídio Parisi, o embarque para a Feira. Fiz a chamada de aluno por aluno, para conferir quem estava presente e evitar que algum aluno embarcasse sem a autorização dos pais.

Tais atividades necessitam de apoio coletivo por parte de diversas pessoas da escola, e ainda mais, requer cuidados específicos, tanto com o transporte dos alunos, quanto o acompanhamento de todos eles. Foi exigido o uniforme para que pudessem ser identificados em qualquer ponto da Feira.



Trajeto para a Feira Gastronômica – 20/10/2005 – Acervo da Autora

Nesse dia não houve aula de Prática de Ensino II, uma vez que a professora Jeanne nos acompanhou e, portanto, estava na Feira Gastronômica, interagindo com “meus alunos”.



Profª Ms. Jeanne e Profª Naira, a caminho da Feira Gastronômica
(20/10/2005 – Acervo da Autora)

Ao chegarem à Feira, receberam mais instruções quanto ao comportamento esperado e às principais normas de conduta no recinto. Entretanto deixamo-os bastante à vontade para que, com seus respectivos grupos conhecessem o espaço do Mercado Municipal.



Alunos observam produtos comercializados no Mercadão, local da Feira Gastronômica (20/10/2005. Acervo da Autora)



Alunas no Mercadão de Uberlândia, local da Feira Gastronômica (20/10/2005 – Acervo da Autora)

Em seguida, encaminharam-se para as mesas das barracas e começaram a interagir com a atividade. Sugerir aos alunos que conversassem com os donos das barracas típicas, perguntando como eles percebiam a comida como cultura daquela região ou país, se expunham porque eram descendentes da região, e se aquele prato era uma tradição de família.



Professores e alunos trocam idéias no recinto da Feira
(20/10/2005 – acervo da Autora)



Alunos durante o evento “Feira Gastronômica”
(20/10/2005 – Acervo da Autora)

Cabe citar e visualizar que alguns alunos da disciplina Prática de Ensino II do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, também foram prestigiar o evento.



Profª Ms. Jeanne e alunos da Prática de Ensino da UFU durante o evento “Feira Gastronômica” (20/10/2005 – Acervo da Autora)



Momento de descontração da docente com os alunos de Prática de Ensino, na Feira Gastronômica (20/10/2005 – Acervo da Autora)

Assim permanecemos no Mercado até as 20h, quando retornamos para a Escola e os responsáveis foram buscar seus filhos.



Alunos se divertem durante o evento Feira Gastronômica.
(20/10/2005 – Acervo da Autora)



Alunos participando ativamente do evento “Feira Gastronômica”
realizado no Mercadão de Uberlândia.
(20/10/2005 – Acervo da Autora)

Avaliação da Atividade

O resultado desta experiência não poderia ter sido melhor: os alunos mostraram-se interessados pela atividade proposta, que foi a de visualizar a cultura popular e tradição arraigadas na culinária de cada povo, de cada país. Os alunos que não participaram da atividade, sentiram vontade de participar da Feira, mediante comentários e histórias contadas pelos colegas.

A Prof^a Angélica, regente da turma, sentiu que a atividade teve resultados positivos e me propôs organizar o mesmo evento, no próximo ano, com uma outra turma.

Percebi que qualquer aluno é capaz de aprender, bastando para isto que tenha o estímulo dos educadores, em parceria com a família. É uma forma de criarmos uma população consciente do meio em que vive.

Pude mostrar aos alunos que aula de História não se faz apenas com guerras, reis, rainhas, ou seja, tudo muito distante da nossa realidade.

Ensinar História hoje é fazer o aluno reconhecer primeiro o espaço que vive, respeitar a religião do outro, a cor de pele do outro, as diferenças de vestuário, de cabelo, de jeito de falar, da forma de se alimentar, de andar, de viver, de trabalhar, etc.

A partir do momento que o aluno se conscientizar sobre o seu espaço, compreender que ele faz parte da história de seu tempo, poderá então compreender também que cada povo contribuiu de uma maneira para chegarmos onde estamos.

Cada povo da História Antiga deixou o seu legado para a História Contemporânea e, um dia, a nossa história fará parte de um passado que contribuirá para escrever a história de nossos filhos e netos.

É importante que tenhamos em mente a responsabilidade dessa construção, as tradições que podemos ajudar a preservar, e a memória de nossas vidas que se faz presente na música que ouvimos, na comida que comemos, no artesanato que produzimos.

A integração do local-regional-nacional é importante para o ensino de História. Não basta trabalharmos temas e assuntos que estão nos livros didáticos, sem que cada aluno se reconheça, enquanto sujeito produtor de história na sua casa, no seu bairro, na sua cidade, no seu país. A vivência das temáticas é importante no ensino de história. E ao utilizarmos essa experiência da Feira Gastronômica, como elemento de análise, é que pudemos perceber quantas temáticas históricas foram trabalhadas: cultura popular, língua portuguesa, alimentação, identidade local dos grupos, vivência escolar, patrimônio histórico, etc. Além do mais, acima dos conteúdos, foram trabalhados valores e modos de comportamento de formação humana dos alunos, estimulando-os ao convívio social saudável. O que consideramos a junção entre teoria e prática, entre ensino e vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada cultura tem sua história; sua riqueza é sua singularidade, sua formação própria. É no interior de sua diversidade que se encontram soluções para os grandes desafios da humanidade. No entanto, a defesa da diversidade, como fator de enriquecimento cultural não deve impedir a interculturalidade nem permitir a defesa cega das tradições.

Não há qualidade de vida superior e exercício pleno da cidadania sem a defesa da diversidade cultural. A unidade do país, da região ou da localidade não deve jamais inibir a rica pluralidade de culturas que enriquecem a vida concreta e o imaginário das diversas sociedades.

O processo de globalização tem se expandido por todo o mundo e descaracterizado ricas culturas, mercantilizando relações antes apoiadas na vida comunitária, na gratuidade e nas trocas afetivas e simbólicas. A economia-mundo também tem estimulado o surgimento de uma cultura-mundo, isto é, de uma mundialização dos objetos e do imaginário. No entanto, os movimentos sociais e as fortes identidades locais têm criado um campo de re-apropriação e re-elaboração cultural, ou mesmo movimentos de resistência a uma mundialização que destrói e descaracteriza culturas. No local está a essência, e no global, a aparência.

A defesa da identidade não está em negar o processo de globalização, ou seja, o encontro de várias culturas no mundo, mas em fortalecer tradições e rupturas com o rosto e as cores dos impulsos mais generosos da localidade. É assim que os seres humanos podem criar, a partir de suas heranças culturais, modos de vida sustentáveis.

A partir da proteção do patrimônio cultural e artístico dos diversos povos, deve-se buscar a unidade e a complementação das culturas através do diálogo intercultural. A valorização das raízes, étnicas e raças, religiões, manifestações culturais, expressões artísticas e da história compartilhada deve ser a base sobre o qual se estruturam os processos identitários.

A necessidade da preservação dos arquivos de nossas tradições, através da memória popular, conduziu este trabalho, mostrando a existência de uma cultura popular e o valor que ela encerra. A própria culinária apresenta marcos históricos de diferentes épocas.

A História contada através do cotidiano é feita de realidade, de vivência, motivo porque acreditamos que, embora mais trabalhosa, essa forma de ensinar, utilizando temas transversais, demonstra, também, maior eficácia nos resultados.

A construção da História coletiva é feita pelas histórias individuais, e estas estão presentes nos usos e costumes, incluindo-se aí a culinária, com pratos típicos de diferentes regiões.

Considerando-se que a Cultura Popular é constantemente acrescida por novos fatos e novos costumes, devemos ficar atentos, de modo a acompanhar a sua evolução, sem permitir a quebra de tradições centenárias, cuja falta empobreceria a cultura, em seu aspecto geral.

Muito se teria a dizer sobre a importância da Cultura Popular na formação do cidadão cômico de sua responsabilidade na construção da cultura de sua época. O mais importante, porém, está na busca constante de renovação e incorporação de novos valores, entendendo que participar desta mudança, é participar do prólogo de uma nova História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, A.A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1998
- ARAUJO, A. M. **Brasil, histórias, costumes e lendas**. São Paulo: Editora Três, 1993
- ÁTICA, Editora. **Cultura Popular**. Entrevista com Ricardo Azevedo, 2003, disponível em <http://www.atica.com.br> acesso em 10.janeiro.2007
- AYALA, M.; AYALA, N.I.N. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991
- BARROS, M.M.L. **Memória e Família. Estudos Históricos** Rio de Janeiro, v.2,n.3, 1982
- BARSA, Enciclopédia. **Cultura**. Rio de Janeiro: Britânica, 1981
- BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Petrópolis: Vozes, 1977
- BRANDÃO, C.R. **Festas Populares Brasileiras**. São Paulo: Pioneira, 2001
- _____ **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1997
- BRASIL. **Constituição Federal**. São Paulo: Brasília-DF: Senado, 1988 .
- BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- CÂMARA CASCUDO, L. **Mostra de Cultura Popular**. s/ cidade: Sesc, s/data
- _____ **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971
- _____ **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983
- CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997
- _____ **As culturas populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983
- _____ **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003
- CAVALCANTI, M.L. **Entendendo o folclore**. Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br> acesso em 11 janeiro. 2007

- CHARTIER, R. **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico**. In: Estudos históricos, vol.08 nº16. Rio de Janeiro, 1995
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência, aspectos da Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986
- _____. **Seminários**. São Paulo: Brasiliense, 1983
- _____. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Ramos, 2000
- CUNHA, M.A.A. **Literatura infantil – teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1989
- DURHAM, E. **A dinâmica cultural na sociedade moderna**. São Paulo: a Arte em Revista, 213: 13-4. março/80
- FERREIRA, M.N. **Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares**. São Paulo: Comunicação e Política, vol.24 nº2, 2006
- FIALHO de Almeida. **Os gatos**. Rio de Janeiro: edições Livros de Portugal, 1942
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- HOLANDA, S.B. **Iguarias do bugre**. In: Caminhos e fronteiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- JORNAL Hoje, disponível em <http://jornalhoje.globo.com/TVGlobo>, acesso em 25. janeiro.2007
- MELO, R.M. **Cultura Popular, pequena discussão teórica**, 2006, tese de mestrado em Musicologia, UNIRIO, 2005
- MELLOWKI, M.; GAUTHIER, C. **O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico**. In: Educação e Sociedade. Revista de Ciência da Educação. São Paulo: Cortez. Campinas: cedes, 2004
- MENEZES, U.B. **Identidade cultural e arqueologia**. In: Cultura Brasileira – temas e situações. Bosi, Alfredo (org.) São Paulo: série Fundamentos, 198 7
- MOREIRA, A. **Teoria das relações internacionais**. Porto: Almedina, 1999
- MORIGI, V.J. et al. **Trama de informações e as formas de comunicação nas festas comunitárias**. Porto Alegre: Em questão, vol.10, n.2, 2004
- OLIVEIRA, L.L. **Os intelectuais, a nação e o povo**. In: Seminário folclore e cultura popular. Série encontro e estudos. Rio de Janeiro: Ibac, 1992
- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- _____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

PETRINI, C. Gastronomia, direito humano, disponível em <http://diplo.uol.com.br> acesso em 10.janeiro.2007

RIBEIRO, M.V.T. **Os novos caminhos do ensino da História**. Rio de Janeiro: revista Nossa História, setembro/2004

VIANNA, L. **Patrimônio imaterial: novas leis para preservar... o que?** Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br>. acesso em 10.janeiro.2007

WILLIAMS, R. **Base e superestrutura na teoria cultural marxista**. Revista USP, São Paulo n. 65. março/maio, 2005

ANEXO nº 1 – Artigos 215 e 216 da Constituição Federal**CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988****Seção II – Da Cultura**

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art.216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I- as formas de expressão;
- II- os modos de criar, fazer e viver;
- III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabe à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e ou sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos

Anexo nº 2 – Decreto n. 3551 de 04 de agosto de 2000**DECRETO Nº 3.551
DE 04 DE AGOSTO DE 2000****INSTITUI O REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL
QUE CONSTITUEM PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO, CRIA O PROGRAMA
NACIONAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 84, inciso IV, e tendo em vista o disposto no Artigo 14 da Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998,
Decreta:

Artigo 1º - Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º - Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

- **I** - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- **II** - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- **III** - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- **IV** - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º - A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º - Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo.

Artigo 2º - São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:

- **I** - o Ministro de Estado da Cultura;
- **II** - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura;
- **III** - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal;
- **IV** - sociedades ou associações civis.

Artigo 3º - As propostas para registro, acompanhadas de sua documentação técnica, serão dirigidas ao Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que as submeterá ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

§ 1º - A instrução dos processos de registro será supervisionada pelo IPHAN.

§ 2º - A instrução constará de descrição pormenorizada do bem a ser registrado, acompanhada da documentação correspondente, e deverá mencionar todos os elementos que lhe sejam culturalmente relevantes.

§ 3º - A instrução dos processos poderá ser feita por outros órgãos do Ministério da Cultura, pelas unidades do IPHAN ou por entidade, pública ou privada, que detenha conhecimentos específicos sobre a matéria, nos termos do regulamento a ser expedido pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

§ 4º - Ultimeada a instrução, o IPHAN emitirá parecer acerca da proposta de registro e enviará o processo ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, para deliberação.

§ 5º - O parecer de que trata o parágrafo anterior será publicado no Diário Oficial da União, para eventuais manifestações sobre o registro, que deverão ser apresentadas ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural no prazo de até trinta dias, contados da data de publicação do parecer.

Artigo 4º - O processo de registro, já instruído com as eventuais manifestações apresentadas, será levado à decisão do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

Artigo 5º - Em caso de decisão favorável do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, o bem será inscrito no livro correspondente e receberá o título de "Patrimônio Cultural do Brasil". Parágrafo único - Caberá ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural determinar a abertura, quando for o caso, de novo Livro de Registro, em atendimento ao disposto nos termos do § 3º do Artigo 1º deste Decreto.

Artigo 6º - Ao Ministério da Cultura cabe assegurar ao bem registrado:

- **I** - documentação por todos os meios técnicos admitidos, cabendo ao IPHAN manter banco de dados com o material produzido durante a instrução do processo.
- **II** - ampla divulgação e promoção.

Artigo 7º - O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de "Patrimônio Cultural do Brasil". Parágrafo único. Negada a revalidação, será mantido apenas o registro, como referência cultural de seu tempo.

Artigo 8º - Fica instituído, no âmbito do Ministério da Cultura, o "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial", visando à implementação de política específica de inventário, referenciamento e valorização desse patrimônio.

Parágrafo único. O Ministério da Cultura estabelecerá, no prazo de noventa dias, as bases para o desenvolvimento do Programa de que trata este artigo.

Artigo 9º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 4 de agosto de 2000;
179º da Independência e 112º da República.
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Anexo nº 3 – Íntegra da entrevista da Editora Ática, com Ricardo Azevedo

Os livros infantis e juvenis consagraram o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo. Próximo dos cem títulos publicados, Azevedo vê sua obra circular também em Portugal, na Alemanha, no México e na Holanda.

Prêmios importantes não faltam ao autor. Basta lembrar o Jabuti, vencido com *Dezenove poemas desengonçados*, e o APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), com *Pobre corinthiano careca*.

Em maio deste ano, na 11ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, Ricardo Azevedo lançou seu mais recente título, *Contos de enganar a morte*. Nele, o autor se debruça, mais uma vez, sobre o universo do folclore brasileiro.

E é justamente para falar sobre o tema que o *Boletim Ática* convidou Ricardo Azevedo para uma conversa. Entre outros assuntos, ele analisa como a sociedade brasileira vê o folclore e comenta seus novos projetos.

Boletim Ática: Em 22 de agosto, comemora-se o Dia do Folclore. A sociedade brasileira celebra adequadamente esta data?

Ricardo Azevedo: O folclore é parte da nossa cultura popular, portanto parte da cultura brasileira. Isso deveria ser assunto de todo dia. A meu ver, seria muito bom se as pessoas tivessem uma consciência maior e mais abrangente do que é cultura popular, quais são seus contornos, suas raízes, suas características e implicações. Numa sociedade cada vez mais urbana e complexa como a nossa, deveria fazer parte do acervo mental de todas as pessoas um conjunto de contos populares, ditados, frases feitas, anedotas, adivinhas, quadras populares, brincadeiras com palavras, a zoologia fantástica, as festas, as crenças, a culinária, etc. Trata-se de um conhecimento básico e seria importante que compusesse a cultura mínima de todo brasileiro. No dia em que isso ocorrer, creio, o Brasil será um país mais coeso, justo e poderoso.

Boletim Ática: Em que patamar está a tradição literária do folclore brasileiro?

Azevedo: Nossa cultura popular foi formada por uma mistura de elementos heterogêneos vindos das várias regiões e tradições portuguesas, de outras várias tradições européias, africanas, árabes e asiáticas - vindas inclusive via portugueses, ainda no tempo da colonização. Fora isso, temos as diversas e riquíssimas culturas indígenas. Como o Brasil é um país de migrantes, tudo isso se misturou e continua se misturando e se recriando.

Boletim Ática: A cultura popular se renova?

Azevedo: É preciso lembrar que falar em cultura popular não significa falar no passado. Ela está sendo gerada agora mesmo por todos os lados. Nas festas tradicionais de Pirenópolis [pequena cidade histórica do interior de Goiás] e nas maneiras como comemoramos nossas festas de família. Nos contos maravilhosos criados em Santa Catarina ou no Ceará e nas anedotas do dia-a-dia, no carnaval, nas gírias e frases feitas, nas brincadeiras, nos pára-choques de caminhão, na culinária, nos ditados, nas manifestações de religiosidade ou de medicina popular, assim como nos sambas de Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho. Nossa cultura popular é, sem dúvida, um de nossos patrimônios mais importantes e sua influência no nosso jeito de ser e na nossa arte - portanto na literatura - é imensa e indiscutível. Seria muito bom se as pessoas tivessem consciência disso desde pequenas.

Na minha visão, este aprendizado deveria ocorrer por meio das famílias e das escolas.

Boletim Ática: Como um texto, um conto ou formas de manifestação oral inscrevem-se - ou são aceitos - como pertencentes ao folclore de um país?

Azevedo: Prefiro sempre utilizar o termo "cultura popular", que é mais abrangente. O chamado folclore seria uma parte mais "tradicional" da cultura popular. Determinar fronteiras, entretanto, é muito difícil e, na verdade, um procedimento "culto". O povo nunca esteve muito preocupado com definições e classificações. Creio que a cultura popular é sempre algo altamente plástico e poroso. Tudo o que for interessante é incorporado.

Falam muito que o povo é conservador e cultiva a tradição. Trata-se de uma visão estereotipada. Boa parte do povo brasileiro é analfabeta, ou enraizada na oralidade, e não tem outro modo de arquivar a tradição que não seja a memória, algo bastante impreciso e adaptável. Quem gosta de tradição é o modelo "culto", que escreve manuais e determina regras impressas, menos sujeitas a mudanças. Isso sim é ser "conservador".

A cultura popular, creio eu, tende sempre a ser contextual - diz respeito a um grupo, a uma localidade - e não costuma ter essa preocupação geral, nacional. Ela simplesmente é prática e incorpora o que for interessante. Exatamente por isso é absolutamente viva.

Boletim Ática: Como andam seus novos projetos?

Azevedo: Acabo de lançar *Contos de enganar a morte*, composto de quatro narrativas abordando o tema do herói que enfrenta e tenta ludibriar a morte. Fora isso, estou terminando meu doutorado de Teoria Literária na USP, no qual, em resumo, tento levantar certas marcas e características populares para, em seguida, demonstrar como e por que as letras de samba podem ser vistas como um imenso e instigante acervo de temas, procedimentos estéticos e concepções populares. Indo além, pretendo apontar e discutir as implicações desse fato quando comparamos o samba com outras manifestações da chamada MPB. Posso garantir que são muitas.

Data: 19/08/2003

Anexo nº 4 – Atividade em sala de aula – Dicionário do Mineirinho

Exercite o Dicionário do Mineirinho

“Pra matá sardades da terra!”

Coloque o significado das expressões mineiras à frente delas. Crie seu dicionário!!!

Lidileite:

Mastumate:

Dendapia:

Kidicarne:

Tradaporta:

Badacama:

Pincumel:

Iscodidente:

Nossinhora:

Pontiõns:

Denduforno:

Doidimais:

Tidiguerra:

Dentifrisso:

Ansdionti:

Sessetembro:

Sapassado:

Óiuchêro:

Pradaliberdade:

Videperfume:

Óiprocevê:

Tissodaí:

Rugoiáis:

Onquié:

Casopô:

Quainahora:

Istrudia:

Prõnóstãmuínu:

ANEXO nº 5 – Receita caseira

“TÁ CUM FOME? PROCÊ QUE GOSTA DE CUZINHÁ, RECEITA CAZÊRA”

MINERA DE MÔI DE REPÔI NU ÁI I ÓI

Ingrediente:

- 5 denti di ái
- 3 cuié di oi
- 1 cabessa de repôi
- 1 cuié di mastumati
- sar a gosto

Modifazê:

- casca o ái, pica o ái i soca o ái cum sar;
- quenta o ói na cassarola;
- foga o ái socado no ói quente;
- pica o repôi beeeemmmm finim;
- fogá o repôi no oi quenti junto cum ái fogado;
- põi a mastumati i mexi cum a cuié pra fazê o môi.

SIRVA CUM RÔIS E MELETE, TENDEU?!?!?!?!?

Anexo nº 6 – Apresentação do Projeto à Prefeitura

À Prefeitura Municipal de Uberlândia e Secretaria de Cultura

A Escola Frei Egídio Parisi, através de seu Diretor e professores vem apresentar

PROJETO DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Informamos a entidade competente que no dia 20 de outubro, a escola pretende levar um grupo de, aproximadamente, 50 alunos à Feira Gastronômica realizada no Mercado Municipal.

A apresentação deste documento serve para informá-los de nossa proposta, caso seja necessária alguma providência por parte dos organizadores da Feira.

A proposta de acompanhamento dos alunos constitui-se em um trabalho interdisciplinar, onde aproveitaremos para trabalhar: hábitos, atitudes e valores educativos, discutindo também temas de geografia, história e, particularmente, cultura popular local, o que enriquece e prestigia os eventos municipais de nossa cidade.

O projeto conta com o apoio da Universidade Federal de Uberlândia, através dos professores de Prática de Ensino e diversos estagiários do Curso de História.

Agradecemos a atenção e nos colocamos à disposição para qualquer contato.

(Carimbo e assinatura do Diretor)

Anexo nº 7: Modelo de autorização a ser assinada pelos pais ou responsáveis

Escola Estadual Frei Egídio Parisi

Senhores Pais,

Vimos por meio desta, solicitar aos senhores **AUTORIZAÇÃO**, para que seu filho (a), aluno (a) da 7ª série venha participar conosco da atividade cultural da feira gastronômica.

Esta atividade tem o objetivo de apresentar peculiaridades da cultura de vários países e até diversidades da regionalidade brasileira por meio da alimentação típica de cada um deles.

A atividade será realizada no dia 20/10/2005 onde o ônibus sairá da escola Frei Egídio Parisi às 17:00 hs (o ônibus será de inteira responsabilidade da escola) de onde sairá para a feira que se localiza no mercado municipal e iniciam-se às 18:00 hs. O retorno do mercado para a escola está previsto para as 20:00 hs.

Nesta atividade é solicitado que o aluno leve um valor mínimo de R\$10,00 (dez reais) para que possa degustar de algumas comidas típicas lá representadas, sendo que fica a critério de cada pai um valor superior a este. Contudo a atividade será usada posteriormente para que se apresentem pesquisas, fotos e filmagem uma vez que este evento fará parte da feira cultural realizada na escola.

Desde já agradecemos a cooperação dos senhores para a realização da atividade.

Professora regente: Angélica

Professora orientadora: Jeanne Silva

Estagiários responsáveis: Naira Roberta e Gláucio A.

Uberlândia, 17 de Outubro de 2005.

Autorização:

Autorizo o (a) aluno

(a).....

a participar do Evento Cultural da Escola Frei Egídio Parisi que será realizado no dia 20 de outubro às 17:00 hs.

Assinatura do pai ou responsável.....

E. E. FREI EGÍDIO PARISI
Ensino Fundamental e Médio
Decreto de Criação do Ensino
Fundamental nº 22.599 de 28-08-83
Decreto de Criação do Ens. Médio
nº 33.931 de 24-01-92 e no Parecer
nº 77 de 19.02.92 do C. E. E. Av. Dr.
Learte Vieira Gonçalves Nº 2926 -
Santa Rônica - Fone: 3 216-1153
P. 38.408-176 - Uberlândia - MG

Anexo nº 8 – Relação de alunos participantes da Feira Gastronômica

Rayra Monalisa Cardoso
Guilherme Pereira Oliveira
Leandro Soares de Santana
Camila Izidoro Garcia
Ludmila de Lima Borges
Daniela Martins
Lorena Barcelos Ferreira
Paloma Mendes Rodrigues
Gláucia Silva Pessoa
Arhmad Babel Allouche
Neylane Cristina Martins Alves
Gilberto Francisco C. Júnior
Nayara de Almeida Teixeira
Fernando Alves Gomes
Andressa Zuchueti Perez
Kamila Kris Alves Vieira
Andressa de Freitas Pereira
Érica Lemes de Lima
Luciano Henrique Souza Victor
Vinicius da Silva Oliveira
Fabiana Saraiva Costa
Jessé Thiago Weiss Block
Maria Lucia pereira Dias
Cecília Resende Coelho
José Alexandre Limírio
Lucas de Oliveira
Edilaine Pereira Cardoso
Kenichi Atsuka Neto
Adenilton Donizete de Souza
Yara Lorraine Silva
Alysson de O. Silva
Giliane Pereira Borba
Cleverson Batista Galhardi
Andressa Alves Lemos
Gabriel Pereira

Anexo nº 9 - Caracterização da Escola Frei Egídio Parisi

A Escola Estadual Frei Egidio Parisi, desde 1982 está presente na comunidade do bairro Segismundo Pereira. Seu trabalho foi iniciado no ano de 1982, como Escola anexa da Escola Estadual Sérgio Freitas Pacheco do bairro Tibery. Em 1983 a Escola, através de Decreto Estadual foi oficializada, atendendo apenas o Ensino Fundamental. No ano de 1992 a escola passou a se responsabilizar também pelo Ensino Médio. O ensino desta rede escolar possibilitou e continua a possibilitar a formação de muitos estudantes de um bairro periférico da cidade. A escola situa-se atualmente, na Avenida Doutor Laerte Vieira Gonçalves, n.º 2924, neste bairro da cidade de Uberlândia/MG há praticamente 11 anos. Ela se situa na parte central do bairro à margem da Praça do Centenário, tendo seu acesso principal pela Avenida Dr. Laerte V. Gonçalves e uma entrada lateral pela Rua Mário Segatto.⁶³ A antiga estrutura física desta escola abriga hoje a atual Escola Municipal Professor Milton Magalhães Porto, situada a Praça do Centenário, s/n, neste mesmo bairro⁶⁴.

A construção do atual prédio da escola foi finalizada no ano de 1995. Sua estrutura física se tratava de dois pavilhões de dois andares cada um, com um padrão regulado pelo governo estadual. Trata-se de um modelo padrão desenvolvido pelo governo estadual, conhecido como “CARP”, construção feita com laje e tijolinhos à vista. Em 1996, a escola iniciou as atividades no prédio novo, mas por danificações em suas estruturas teve que interrompê-las. Neste período de reforma foi construído mais um pavilhão. Assim, no ano de 1997, as atividades foram novamente iniciadas, permanecendo até os dias atuais. Deste modo, a partir de 1997 a escola com três pavilhões passou a comportar os alunos em praticamente quatro turnos. Atualmente a escola se divide apenas em três períodos, manhã, tarde e noite, sendo: Ensino Fundamental (7ª e 8ª série) e Médio no período matutino, atendendo aos jovens e adolescentes; Ensino Fundamental (1ª a 6ª) no período vespertino, atendendo às crianças e o ensino médio no período noturno, atendendo assim jovens e adultos.

De acordo com a estrutura física deste edifício trata-se de um prédio constituído por três pavilhões, onde dois deles são de dois andares. A escola oferece os seguintes espaços: 21 salas de aula, um sala de biblioteca, onde se mantém também como sala de vídeo, um refeitório, dois bebedouros, um barzinho, uma quadra de esportes com arquibancada, um estacionamento para veículos de professores e dos alunos e uma

⁶³ Ver fotos n.º 01 e 02.

⁶⁴ Ver fotos n.º 03 e 04.



Fotografia 01 – Entrada principal pela Av. Dr. Laerte V. Gonçalves, n.º 2924.(acervo da Escola)



Fotografia 02 – Entrada pela Rua Mário Segatto – Portão 02.(acervo da Escola)



Fotografia 03 – Antigo prédio da E.E. Frei Egidio Parisi - Pça do Centenário, s/n.
(acervo da escola)



Foto 04 – Estrutura Antiga do prédio antigo da escola.(acervo da Escola)
extensa área verde, secretaria, sala dos professores, banheiros no primeiro piso do edifício, salas de laboratório, etc.⁶⁵ As mesas e as cadeiras já são antigas, mas em um bom estado de conservação. Segundo o diretor da escola, não há falta de carteiras na escola, o que

⁶⁵ Ver fotos ns.º 05, 06, 07, 08, 09 e 10.

ocorre é o traslado de mesas e cadeiras de um período para o outro, mas nega a falta de tais materiais.

Referente ao material didático, a escola oferece uma biblioteca, com um número satisfatório de livros, os quais são disponibilizados para consulta durante todos os períodos e também atua como espaço durante todos os turnos de aula para o encontro de alunos para a confecção de trabalhos. A escola possui um espaço livre para a recreação, onde os alunos desenvolvem atividades físicas e até intelectuais, como jogos de xadrez e outros. Como o ensino noturno não oferece disponibilidade para as atividades físicas, as mesmas são realizadas durante o sábado no período matutino.

Em relação aos recursos financeiros a escola recebe todo ano uma quantia de R\$ 20.000,00 (Vinte Mil reais), verba de subvenção distribuída pelo governo estadual para o pagamento de contas de água, luz, telefone, materiais escolares e despesas afins; R\$ 7.000,00 (Sete Mil reais) do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) destinado pelo governo federal e também R\$ 3.000,00 (Três Mil reais) para a alimentação dos estudantes, conhecida como merenda escolar.

A escola possui um quadro de pessoal satisfatório, com aproximadamente 115 profissionais, sendo: 84 professores de 1ª série ao 3º ano do ensino médio, 21 funcionários que desenvolvem atividades de Auxiliar de Serviços Gerais (Limpeza, Cantina e outros) e 10 pessoas na secretaria, incluindo o departamento pessoal e financeiro. A escola possui um quadro de professores efetivos e contratados, funcionários que realizam atividades de serviços gerais, abrangendo a limpeza e a cantina, os auxiliares da educação, da secretária ao diretor da escola. Dentre os servidores se destaca a presença do Sr. Agenor, que atua como zelador do período noturno, desenvolvendo atividades diversas, não deixando que alunos saiam mais cedo por motivos injustificados e que indivíduos adentrem o recinto por meios ilícitos.



Fotografia 05 – Pavilhão construído após a inauguração.(acervo da Escola)



Fotografia 06 – Administração da Escola.(acervo da Escola)



Fotografia 07 – Estacionamento no interior da escola.(acervo da Escola)



Fotografia 08 – Quadra de Esportes.(acervo da Escola)



Fotografia 09 – Área de Lazer.(acervo da Escola)



Fotografia 10 – Espaço livre para Recreação.(acervo da Escola).

De acordo com a estrutura, sua organização e funcionamento, temos uma escola que mantém uma gestão democrática, onde a direção é escolhida pela comunidade, com um regimento escolar próprio, coordenação pedagógica centrada nas mãos das supervisoras, Celina e Cláudia no período matutino, Vilma e Regina no período vespertino.

No período vespertino, tem também a Alessandra que atua como orientadora escolar. A secretaria escolar é composta por dez pessoas, incluindo duas do departamento pessoal, duas do departamento financeiro, e a secretária Maria Luiza. O relacionamento da escola com a Secretaria de Educação é desenvolvido via Superintendência Regional de Ensino. Quanto ao relacionamento com pais e a comunidade, a escola desenvolve dois tipos de reuniões periódicas. Uma votada para o funcionamento da escola, em relação aos eventos e ao regimento interno e a segunda para prestação de contas junto à comunidade, onde se têm duas reuniões por ano, onde a escola informa sobre o dinheiro gasto pela administração, demonstrando a aplicação desse dinheiro. O relacionamento de pais e professores é feito diariamente, conforme a necessidade.

A administração da escola adota três políticas básicas para o seu planejamento escolar. A primeira se refere à Proposta Política Pedagógica. Como exigência do estado cada estabelecimento de ensino deve possuir a sua. A segunda se refere ao regimento escolar. Assim como a política pedagógica, a escola tem o seu próprio regimento. E a terceira, se refere aos planos de ações, onde a escola desenvolve atividades ligadas diretamente ao governo estadual. A exemplo disto, temos o projeto estadual *“Escola Referência”*. Esta terceira política não é obrigatória a todas as escolas, por isso não temos todas as escolas de Uberlândia inseridas neste projeto.

A direção da escola esta centrada nas mãos do professor Washington Luciano Medeiros, professor de química, formado pela Universidade Federal de Uberlândia. Em referência ao Sr. Washington, o mesmo atuou como professor de química nesta escola até o ano de 1999, sendo também ex-aluno desta escola. Desde 2000 o diretor está presente na administração da escola. O diretor possui dois vices, a Senhora Abgair Francisca Chaves no período matutino e o Senhor Durval Bertoldo no período noturno. Esta é a segunda gestão do diretor Washington. A gestão anterior foi de quatro anos, e a gestão atual ainda não tem tempo determinado pela Superintendência Regional de Ensino. A gestão da escola se faz segundo os critérios da delegacia de ensino.

A escola, considerada pelo diretor Washington, a segunda maior escola estadual de Uberlândia, mantém matriculados 2000 alunos, sendo aproximadamente uns 900 alunos no período matutino, 700 alunos no período vespertino e 400 alunos no período noturno. Trabalhando com 21 turmas por período a escola desenvolve suas atividades ligadas a idéia de escola referência, mantendo uma rotina de funcionamento pautada na segurança de seus alunos, com apoio direto do PPC – Posto Policial Comunitário do bairro, estabelecendo um combate ao uso de drogas, promovendo assim a segurança e a educação de seus alunos.